



POR
MARÍLIA KODIK

É jornalista cultural
e ama livros



REUNIÃO DE CONDOMÍNIO

DESCOBRI QUE A LUIZA comprou um apartamento no mesmo prédio que eu e pensei em chamá-la para um café, mas nós nunca fomos amigas. Estávamos mais para rivais, embora eu genuinamente nem saiba pelo que estávamos competindo. Era simplesmente a norma quando a minha geração era adolescente, nos anos 2000: mulheres sendo ameaça umas às outras. Não é que me sentia intimidada, mas eu é que não ia fazer o primeiro movimento de aproximação. Mostrar vulnerabilidade? Jamais. Foi assim que passei os últimos anos da escola com pouquíssimas amigas femininas, algo que demorei anos para admitir que me doeu.

O livro *Fúrias: Histórias de Mulheres Perversas, Selvagens e Indomáveis* (Rocco; 320 págs.; R\$ 79,90), uma antologia escrita por 15 autoras premiadas, também me remeteu a essa época pelos títulos de seus contos: “Megera”, “Rapariga”, “Bruaca”, “Enxerida”... adjetivos usados historicamente para depreciar mulheres e que abundavam na dinâmica de adolescentes inseguras. Uso o tempo verbal passado aqui pois tenho fé de que as novas gerações estão cada vez mais conscientes daquilo que a maturidade eventualmente me revelou: a união feminina tem poder e nossa rivalidade só beneficia o patriarcado.

Bem mais interessantes e relevantes do que meu revés juvenil, as tramas do livro são assinadas por nomes celebrados da literatura contemporânea, como a canadense Margaret Atwood (*O Conto*

da Aia), a irlandesa Emma Donoghue (*O Quarto de Jack*) e a britânico-paquistanesa Kamila Shamsie (*Lar em Chamas*). Entre as personagens há mulheres pretas, homossexuais, trans, velhas, históricas, mitológicas...

Atwood, por exemplo, imagina uma reunião de criaturas míticas que discutem a condição feminina: “A roda existe para aquelas de nós que foram excluídas de todas as outras ligas, clubes, setores, definições, sindicatos, associações, identidades, nichos culturais e grupos em geral, dada nossa capacidade e/ou relutância em nos adequar e conformar a uma determinada categoria social e taxonômica”, escreve.

Seu texto, uma sátira, atua como um manifesto em defesa da complexidade humana, especialmente a feminina, e em repúdio a convenções que muitas vezes tentam nos restringir, domesticar ou definir de forma limitadora. É como se dissesse: “Não aceitamos ser classificadas assim, não cabemos nessas caixas”. A autora faz uma crítica à exclusão histórica das mulheres de espaços de poder e narrativa e também um convite para reconhecer e abraçar a multiplicidade de nossas identidades.

A coletânea, que chega neste mês às livrarias brasileiras, é uma comemoração aos 50 anos da editora britânica Virago, que tem sido uma plataforma crucial para promover a literatura escrita por mulheres, sobretudo as que desafiam e expandem os limites de gênero, sexualidade, raça e classe. Cada lançamento é um pequeno lembrete de que, ao nos unirmos, podemos desafiar e mudar as estruturas de poder vigentes. E de que sempre é tempo de reavaliar antagonismos obsoletos e trocar divisões por alianças. Luiza, se estiver lendo, toca aqui no 52. ■